

**DIALOGISMO E PRESCRIÇÃO: GÊNERO, DISCURSO,  
PERSUASÃO E GRAMÁTICA**

Edson Nascimento Campos - FALE/UFGM-FASEH/CESUV  
[edncampos@terra.com.br](mailto:edncampos@terra.com.br)

**Resumo:** A leitura e a produção de textos podem ser explicadas, nesta comunicação, pelo tratamento de gênero como dimensão dialógica da linguagem, considerando, como ocorrência particular, a manifestação do Gênero Divulgação Científica. E, aí, esse gênero é considerado como realização enunciativa marcada pela ação de quem é colocado na posição de um ao falar pelo outro (o especialista) para o outro (o não-especialista). Desse modo, tem-se uma certa mescla de enunciações, pois o Divulgador (DV) procura aproximar, discursivamente, a Ciência (C) do Público (P), construindo uma enunciação marcada pela heterogeneidade constituinte das múltiplas vozes agenciadas no texto. Com isso, o determinante e o determinado do sintagma poderão ser concebidos, gramaticalmente, no nível do enunciado e no nível da enunciação como ocorrências dialógicas as quais materializam a prescrição pressuposta pelo gênero e o uso de variedades lingüísticas que, na voz de DV, seriam legitimadas pelo *ethos* que construiria a persuasão do leitor.

**Palavras-chave:** Gênero; Dialogismo; Divulgação Científica; Heterogeneidade Constituinte; *Ethos*;

As instâncias da produção e da recepção de textos poderão ser articuladas, do ponto de vista teórico-metodológico, pelas categorias de Gênero, Discurso, Persuasão e Gramática dentro das quais se articula, ainda, a associação entre Dialogismo e Prescrição.

É possível o entendimento da categoria Gênero como o modo de articulação das experiências com a linguagem. E essas experiências podem ser entendidas como o modo de articulação das relações dialógicas.

Nesses termos, é possível considerar a experiência de linguagem como ação interlocutiva: o locutor, ao assumir a posição dialógica, provisória, de **um** empenha-se numa ação simbólica que incide sobre a posição dialógica, e também provisória, daquele que se identifica como **o outro**, no esforço enunciativo de fazê-lo responder, operativamente, a seu projeto de produção de sentido materializado em linguagem. É claro que **o outro** também, vestindo-se de **um**, poderá ter um projeto de produção de sentido, para aquele que, a partir desse instante enunciativo, passa a ser figurado, dialogicamente, como **o outro**.

Enfim, o dialogismo como categoria de produção e recepção de linguagem, constitui-se como mediação, ou ponte, e, por isso, todo locutor, vestindo-se de **um**,

projeta uma situação interativa, prevendo a si e prevendo **o outro**, dialogicamente, a partir de uma certa exterioridade com a qual se torna possível uma certa excedência – um projeto de produção de sentido – sujeita a uma certa estabilidade e a uma certa completude (acabamento) passível de ser atravessada por uma certa instabilidade e uma certa incompletude (inacabamento).

Especificando os conceitos de dialogismo previamente delineados, é possível a sua operacionalização em um Gênero particular, o que será, aqui, processado pelo exame ligeiro do Gênero Divulgação Científica (DC).

Esse gênero – DC – como realização dialógica poderá operar com a ação de um agente, na posição de **um**, que é determinado pela exterioridade de um especialista, o que o obriga a uma produção de sentidos, ou a um exercício de uma certa excedência, marcada pela força constituinte desse lugar de **o outro** que é articulado com a exterioridade e a excedência da posição constituinte alternativa de um lugar para **o outro**, vestido simbolicamente com o acabamento e a completude provisórios da ação de linguagem do não-especialista.

Em outras palavras, esse gênero – DC – exige socialmente a materialização de uma relação dialógica que pressupõe a posição de **um** que delinea uma realização de linguagem determinada pelo **outro** - o especialista – tendo em vista o não-especialista na posição alternativa daquele que tem o lugar destinatário de para **o outro**. Nesse sentido, assumir a posição de **um**, como DV, é assumir uma dupla exterioridade e uma dupla excedência com o acabamento e a completude provisórios, associados a tal duplicidade. Quando isso acontece, interativamente, estar na posição de **um** é vestir, simbolicamente, o papel de Divulgador (DV) que, assim, passa a dizer **eu**, articulando uma enunciação – a ação de linguagem do especialista – no esforço de aproximá-la da enunciação do não-especialista. Aí, ocorre, evidentemente, o movimento contrário uma vez que toda a ação com a linguagem pressupõe a mediação, ou a ponte, ou seja, a determinação recíproca dos interlocutores, a ultrapassagem das posições de linguagem corporificadas e a condensação de tais posições numa nova enunciação. Ou seja, o que DV faz está inscrito no seguinte emblema dessa variedade de gênero: eu falo pelo outro para o outro.

O que se tem, então, explicitamente, é a especificidade enunciativa dessa variedade de gênero: DV, enquanto **um**, dizendo eu, articula a enunciação e o discurso do especialista – a instância enunciativa do **outro** (E1D1) – com a enunciação e o discurso do não-especialista – a instância enunciativa do **outro** (E2D2), gerando, nesse jogo enunciativo, a reprodução e a transformação das duas instâncias, de que resulta a manifestação criadora de uma terceira instância. Essa terceira instância – E3D3 – enunciativamente, só se realiza, pois, com a impureza da mescla das enunciações de E1D1 e E2D2 a fim de se conquistar o empenho discursivo de se aproximar o não-especialista do especialista.

O pensamento da categoria Gênero como construção dialógica gera, em poucas palavras, a obrigação de se pensar a ação interativa do locutor e do alocutário nas posições respectivas de **um** e **o outro**. O pensamento da linguagem como ação interativa de tais interlocutores gera a obrigação de se pensar a linguagem como atividade de enunciação. E pensando a linguagem como movimento de enunciação, ou

seja, como operação de uso da linguagem na relação que os interlocutores dinamizam, ficam constituídas a produção e a recepção da linguagem como ação de Discurso. E tal categoria, Discurso, obriga o pensamento da ação de linguagem produzida e recebida na mediação dos interlocutores na atividade enunciativa que os aproxima e os distancia.

Esses pensamentos arrolados nos obrigam a pensar a Gramática como organização formal, ou lingüístico-formal, marcada pelas exigências da enunciação.

Tomando especificamente a Categoria de Gênero e tomando essa Categoria na variedade Divulgação Científica com o recorte interlocutivo da enunciação E3D3 – o divulgador procura falar pelo especialista, dizendo/não dizendo o que aí se diz para o não-especialista – o que DV faz é a constituição enunciativa do Discurso Relato.

Ao fazer o Relato, o Divulgador é obrigado, por determinações discursivas, a operar com o sistema lingüístico, ou seja, com as escolhas virtuais, permitidas pela língua. Recortando tal sistema, pela escolha da sintaxe, DV, fazendo o relato, constrói, por exemplo, o Discurso Direto, o Discurso Indireto ou ambos. E, assim atuando, o uso de tais procedimentos lingüísticos de relato obriga a escolha da sintaxe da subordinação, expressa no molde sintático, passível de ser visualizado na seguinte formalização: x dizer que.

É o que se pode observar, preservando-se as aspas duplas do contexto enunciativo do texto de Divulgação Científica do Texto que figura no Anexo. Vale lembrar que tal texto constitui-se como realização do Gênero Divulgação Científica, variedade Noticiário, publicado no suporte jornalístico da Folha de S. Paulo, no Caderno A – FolhaCiência – na página 14, em 3 de julho de 2003.

Tome-se de tal texto o trecho que se segue: “Esse material ficou dois anos guardado e, em 1999, o Petri começou a estudar a espécie como fauna acompanhante dos camarões”, disse Zuanon”. (Anexo)

Se DV aparece enunciativamente, fazendo o relato para o não-especialista com a oração principal, formularizada através de x dizer que, a enunciação do especialista – a voz do outro – aparece como heterogeneidade constitutiva da enunciação, ou do relato de DV. E aí se verifica o que não se mostra, ou seja, a ação simultânea e constitutiva da enunciação do não-especialista, pressuposto como interlocutor: a posição enunciativa daquele a quem se destina o relato. E, aí, tal destinatário, por sua vez é a heterogeneidade constitutiva da enunciação do especialista e da voz enunciativa de DV. Não parece haver dúvida: a operação constitutiva aparece mostrada no fio do enunciado com as aspas duplas que assinalam as marcas da voz atribuída ao especialista - trata-se de uma ocorrência de heterogeneidade mostrada e marcada - agenciada por DV para a operação de aproximação discursiva do não-especialista – Ciência, C, – ao não-especialista – Público, P, com que se dramatiza a realização da instância discursiva E3D3. Por outro lado, a heterogeneidade constitutiva do não-especialista não aparece mostrada e a voz de DV, que faz o relato, aparece mostrada – disse Zuanon - ainda que não seja marcada.

Assim, do ponto de vista lingüístico-formal, enunciativamente observado, o que se caracteriza no recorte gramatical efetuado, é o mecanismo sintático da subordinação. E, assim, podemos pensar que a subordinação pode ser caracterizada pela constituição da relação determinante/determinado, constituindo-se o que se pode identificar como

um dos fios teóricos do sintagma. Tem-se, no exemplo estudado, uma ocorrência de sintagma super-oracional em que fica evidente, como determinante, a oração subordinada substantiva objetiva direta, e, como determinado, uma oração que, no caso é reconhecida como principal.

Resumindo, é claro que, enunciativamente, a oração subordinada é determinante que constitui o determinado (oração principal) e tais orações dramatizam a relação em que são constituídas e mostradas as vozes respectivas do especialista (voz que ainda é também marcada) e a do Divulgador. E, nesse caso, sintaticamente, figura, na dramatização, um outro determinante que se presentifica, simultaneamente, como voz constitutiva do Gênero DC: a voz do não-especialista, como determinante, é voz constitutiva que não é nem mostrada, nem marcada. Tais determinantes, como forças constitutivas mostradas / marcadas e não-mostradas são, pois, as operações de subordinação gramatical com que se produz enunciativamente a voz de DV na produção do gênero DC.

O funcionamento formal da sintaxe da gramática do texto, no jogo enunciativo em que o aparelho lingüístico é operado, no exemplo observado, procura dar conta do sintagma enquanto construção super-oracional que marcaria a dramatização do uso da gramática do Discurso Relatado quando aí ocorre o relato que utiliza o Discurso Direto.

O sintagma pode ser, ainda, uma experiência gramatical que ocorre, também, no plano da oração, no plano sub-oracional, no plano sub-sub-oracional. Nesse caso, o dialogismo, presente na heterogeneidade constitutiva do texto, marcado pelo gênero da Divulgação Científica, obriga a se fazer observações sobre o funcionamento formal-enunciativo do sintagma nesses planos alistados.

Considere-se, ainda, o mesmo exemplo: “*Esse material ficou dois anos guardado e, em 1999, o Petri começou a estudar a espécie como fauna acompanhante dos camarões*”, disse Zuanon”. (Anexo)

Considere-se, aí, a seguinte oração como sintagma oracional: “... *começou a estudar a espécie como fauna acompanhante dos camarões*...” (Anexo).

Tome-se, como sintagma sub-oracional, o seguinte trecho: “...*começou a estudar a espécie como fauna acompanhante dos camarões*...” (Anexo).

Num primeiro nível de análise, DV se utiliza, dramaticamente, de um determinado - “*começou a estudar*” – que marca a sua voz com uma ocorrência lingüística que pode ser pensada como heterogeneidade constitutiva mostrada, comum a C e P, ou seja, tal determinado faz parte de um universo de sentido pertencente tanto à variedade lingüística do especialista, como à variedade do não-especialista. Isso revela, como heterogeneidade constitutiva mostrada, ainda que não-marcada, a força dialógica da dupla exterioridade a que DV está submetido enunciativamente a fim de, com tal prática de linguagem, garantir o acesso discursivo de P a C.

Num outro nível, tomando agora, os determinantes do determinado “*começou a estudar*”, no plano sintagmático sub-oracional, tem-se o seguinte material recortado: “... *a espécie como fauna acompanhante de camarões*...” (Anexo)

Ora, o determinante de “*começou a estudar*”, num primeiro olhar de análise, revela a força dramática de DV a produzir a ação da heterogeneidade constitutiva de C, mostrada e não-marcada, nas ocorrências da variedade lingüística do especialista. O que

se constata, então, é que a relação sintagmática traz uma certa formalização em que o determinado mostra a força da heterogeneidade constitutiva da variedade lingüística comum a P e C (“... *começou a estudar...*”) e o determinante mostra a força da heterogeneidade constitutiva da variedade lingüística privativa de C (“... *a espécie como fauna acompanhante de camarões...*”). Isso justifica gramaticalmente a força da dupla exterioridade a que DV está determinado enunciativamente, o que explicaria, dialogicamente, a mistura de variedades lingüísticas que atestam a impureza das enunciações de C e P na enunciação de DV, E3D3, na constituição gramatical prevista pela mescla de enunciações dentro do Gênero DC.

Retomemos o recorte anterior: “... *a espécie como fauna acompanhante de camarões...*”. (Anexo)

No plano sub-sub-oracional da análise do sintagma, podemos tomar o termo “*espécie*”, como determinado que mostra a ação da heterogeneidade constitutiva, mostrada, da variedade lingüística de C a determinar a operação enunciativa do outro sobre DV e sobre o destinatário (P). Por outro lado, o determinante de “*espécie*”, recortado em “...*como fauna acompanhante de camarões...*” traria as marcas da heterogeneidade constitutiva, mostrada, de C sobre DV e sobre P, constituindo-se, assim, dentro do gênero, a reduplicação da variedade lingüística de C, simultaneamente, no corpo do determinado e do determinante, como a voz do outro na constituição de DV e P.

No plano menor de análise, o termo “*acompanhante*” como determinante do determinado “*fauna*” é, também, uma força da presença da variedade lingüística de C, como heterogeneidade constitutiva, mostrada, a determinar a ação de linguagem de DV e P.

Num plano ainda menor, a análise sintagmática revela, como determinado, o termo “*acompanhante*” como variedade lingüística de C, ocorrência da heterogeneidade constitutiva mostrada, a sinalizar a sua força enunciativa sobre DV e P. E o termo “*de camarões*”, como determinante de “*acompanhante*” atuaria, enunciativamente, na qualidade de variedade lingüística comum a C e P, como força da heterogeneidade constitutiva, mostrada, do outro como Ciência e como Público a determinar a ação de DV que se constitui, discursivamente, no esforço de aproximação do não-especialista ao universo do especialista, o que justificaria, repetindo, a mescla de variedades lingüísticas como exigência de articulação da gramática formalmente prevista pelas exigências sociais do gênero DC.

Esquemáticamente, é possível, dentro da enunciação requerida pela análise do discurso, organizar a análise gramatical efetuada para o Discurso Relatado do Gênero Divulgação Científica, em que DV articula a relação do Especialista com o Não-especialista, usando, para tal análise, o conceito de sintagma enquanto relação de subordinação – determinante/determinado – nos quadros I e II que se seguem.

## QUADRO I

O Discurso Relatado de DC: O Discurso Direto  
Plano de Análise: Sintagma Super-Oracional: Determinante

Dte		Dto
Dte	Dte	Dto
Heterogeneidade constitutiva mostrada e marcada	Heterogeneidade constitutiva não-mostrada e não-marcada	Ação enunciativa de DV: E3D3
Ação Enunciativa da Ciência: E1D1	Ação Enunciativa do Público: E2D2	Variedades lingüísticas de C e/ou P
Variedades lingüísticas de C e/ou P		

**QUADRO II**

O Discurso Relatado de DC  
Plano de Análise: Sintagma Oracional e níveis sub-oracionais  
Determinante/Determinado

Dte		Dto
Determinante	Determinado	Determinado
Heterogeneidade constitutiva mostrada (não-marcada): variedade lingüística privativa de C	Heterogeneidade constitutiva mostrada (não-marcada): variedade lingüística comum a C e P	Ação enunciativa de DV
Heterogeneidade constitutiva mostrada (não-marcada): variedade lingüística privativa de P	Heterogeneidade constitutiva mostrada (não-marcada): variedade lingüística privativa de C	Ação enunciativa de DV

A partir de tais quadros, o que se pode constatar é que a análise do aparelho gramatical agenciado pela ação enunciativa de DV, dentro do Gênero Divulgação Científica, na variedade selecionada pelo recorte do estudo privilegiado no presente trabalho, leva a constatar empiricamente, nos limites exploratórios do corpus selecionado, aquilo que constitui a especificidade desse Gênero. Se DV é marcado, em E3D3, pela dupla exterioridade de C (E1D1) e P (E2D2), tal duplicidade obriga a produção do texto, sob a determinação de tal gênero, a privilegiar a mescla de uma

duplicidade que reside na excedência, ou na produção de sentido, que perpassa a produção e a recepção do texto. Nesses termos, as relações de determinação do sintagma, na posição de determinante, dentro do plano super-oracional, precisam privilegiar a mescla de sentidos das variedades lingüísticas de C e/ou P ao se construir a constituição da heterogeneidade constitutiva mostrada e marcada na subordinação do Discurso Direto presente no Discurso Relatado.

Por outro lado, no plano oracional, sub-oracional, sub-sub-oracional e em planos menores de observação, hierarquicamente posicionados, as variedades lingüísticas que carregam as marcas de C e P distribuem-se em moldes sintáticos que tendem a um movimento dramático de flutuação enunciativa apesar da regularidade da função como determinantes da ação enunciativa de DV.E o que se observa é que na posição de determinante, dentro do sintagma, tem-se duas ocorrências gramaticais: a heterogeneidade constitutiva, mostrada e não-marcada, ou traz o sentido da variedade lingüística privativa de C, no primeiro caso, ou o da variedade lingüística privativa de P, no segundo caso. No primeiro, o determinado correspondente, é realizado por DV com a heterogeneidade constitutiva, mostrada e não-marcada, presente com as variedades lingüísticas comuns a C e P. No segundo, DV agencia, como determinado correspondente, a ocorrência da variedade lingüística privativa de C, presente com a força da heterogeneidade constitutiva mostrada e não-marcada.

Entende-se, pois, repetindo, que a dupla presença do outro como ocorrência do dialogismo privativo do gênero DC marca a ação de DV. E tal agente, na posição de um – o que diz eu como locutor - efetua, enquanto instância da produção, a formalização do aparelho lingüístico, e, aí, a prescrição gramatical do gênero não se efetua, em outras palavras, sem a força da heterogeneidade constitutiva do jogo de vozes mostradas - marcadas e não-marcadas - e não-mostradas.

Vejamos, a partir disso, uma concretização que desdobre com exemplificação a relação pressuposta entre a ação do dialogismo de DC na prescrição dos fatos gramaticais acionados pela categoria do sintagma: relação determinante/determinado.

Considere-se uma outra ocorrência do texto em observação, apresentado no Anexo. “*Cientistas do INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) anunciaram anteontem a descoberta de uma nova espécie de peixe de água doce.*” (Anexo)

Tomando o sintagma “*Cientistas do INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia)*”, fica evidente que o determinante (*do INPA*) é uma ocorrência da variedade lingüística privativa de C (Cientista), mas o determinado (*Cientistas*) é uma ocorrência da variedade lingüística comum a C e P (Público). Por outro lado, tomando como determinado o termo *do INPA* e tomando como determinante o termo *Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia*, esse determinante será uma ocorrência da variedade lingüística privativa de P e o seu determinado correspondente será uma variedade lingüística privativa de C.

Vejamos agora o seguinte sintagma: “*anunciaram anteontem a descoberta de uma nova espécie de peixe de água doce.*”

O determinado “*anunciaram*” é uma ocorrência da variedade lingüística comum a C e P e o determinante “*anteontem a descoberta de uma nova espécie de peixe de*

*água doce*” apresenta ocorrências da variedade comum a C e P e da variedade lingüística privativa de C. Ou seja, o determinante “*anteontem*” é uma ocorrência da variedade comum a C e P; o determinante “*a descoberta de uma nova espécie de peixe de água doce*” é uma ocorrência da variedade lingüística comum a C e P ainda que apresente um sintagma hierarquicamente menor, em que o determinado “*espécie*” seja uma ocorrência da variedade lingüística privativa de C e os seus determinantes correspondentes (*uma, nova, de peixe de água doce*) sejam ocorrências da variedade lingüística comum a C e P.

### QUADRO III

O dialogismo do gênero DC como força de prescrição gramatical do sintagma oracional

#### Regras de mesclagem do sintagma

O Determinante (Dt e) é :	e	o Determinado (Ddo) é :
uma ocorrência <u>privativa</u> de C		uma ocorrência <u>comum</u> a C e P
uma ocorrência <u>privativa</u> de P		uma ocorrência <u>privativa</u> de C
uma ocorrência <u>comum</u> a C e P		uma ocorrência <u>comum</u> a C e P
uma ocorrência <u>comum</u> a C e P		uma ocorrência <u>privativa</u> de C

Enfim, no fio do enunciado, quando DV efetua a mescla das variedades lingüísticas, distribuindo-as em variedades lingüísticas comuns a C e P, privativas de C, ou privativas de P, o que se processa sobre a ação do locutor é a ação determinante dos alocutários que, na posição de outro, atuam, especificamente, como heterogeneidade constitutiva mostrada. Essa dimensão de alteridade é o que determina a seleção dos constituintes formais da língua, expressos na relação de determinação, ou subordinação, do sintagma.

Ora, tais constatações apontam para uma certa regularidade a ser pesquisada e sistematizada, mais extensa e profundamente, na prescrição gramatical requerida pelas exigências de gênero, determinante da ação lingüística do texto.

A despeito desse caráter exploratório, pode-se, contudo, apontar para uma outra dimensão a ser explorada em tal pesquisa e em tal sistematização. Trata-se da ação enunciativa do *ethos* lingüístico associado ao uso das variedades privativas de P e C a constituir a produção e recepção dos textos do gênero DC.

Se entendemos o *ethos* como uma voz que o locutor faz sussurrar pela posição do alocutário, enquanto realiza as atividades enunciativas do discurso, como voz de fiador das ações simbólicas realizadas, o *ethos* em DC consiste na voz de DV a legitimar o uso da mescla de variedades lingüísticas privativas e comuns das instâncias

enunciativas do gênero. Na legitimação das vozes privativas do especialista e do não-especialista, DV pratica a Persuasão do Público no sentido de operar com a sua linguagem no domínio da Ciência sem o que não se efetiva a produção de sentido requerida pela dupla exterioridade do Gênero, ou seja, não se efetiva a leitura e, por isso, sem a leitura encerrar-se-ia a ação constitutiva do leitor na produção do texto. Desse modo, DV legitimaria, cumulativamente, ainda, o uso de processos gramaticais reconhecidos socialmente, pelos espaços do alocutário, na articulação formal e enunciativa das variedades lingüísticas, o que se pode dizer, enfim, que DV com tais dimensões do *ethos* atuaria na Persuasão do uso da Gramática requerida pelo Gênero.

Enfim, tais considerações, que objetivam dinamizar a pesquisa e a sistematização do saber sobre as atividades de leitura e produção de textos, articuladas por categorias como Dialogismo, Prescrição, Gênero, Discurso, Persuasão e Gramática, têm o caráter exploratório de linhas que tornem integrados, pela Análise do Discurso, os estudos enunciativos da linguagem. Se os estudos gramaticais, na linha da observação formal do sistema lingüístico, privilegiam o estudo do fato gramatical dissociado de suas condições de uso, com a Análise do Discurso, nos limites deste trabalho, o sistema lingüístico passa a ser considerado como aparelho de organização formal da enunciação. E, assim, se os estudos da observação da gramática da Língua Portuguesa restringem-se à observação formal da linha do enunciado onde se situa o fato gramatical, os estudos enunciativos não deixam de privilegiar o enunciado, mas não reduzem a observação do fato gramatical com a dissociação da enunciação que determina a produção e a recepção do enunciado.

Nesse sentido, se os estudos sintagmáticos, por exemplo, ao tomarem o fato gramatical fora de suas condições de uso, reduzem tal fato a uma ocorrência que se fixaria à linha visível do determinante e do determinado, os estudos enunciativos, tomando o determinante e o determinado do sintagma, dentro de suas condições de uso, tomam tais dimensões subordinativas como formas determinadas pela força da heterogeneidade constitutiva do jogo enunciativo. E aí, o determinante e o determinado poderão ser observados, com um olhar mais ampliado, na medida em que poderão ser eles ou a força da heterogeneidade constitutiva mostrada e não-mostrada e, no caso da heterogeneidade constitutiva mostrada poderá ser ela a heterogeneidade mostrada, marcada e não-marcada. Por isso, ainda que o determinante ou o determinado possam ser vistos nas linhas visíveis das marcas do enunciado, a força da ação de tais fatos gramaticais pode ser situada nos espaços enunciativos em que o outro não se mostra embora ali esteja presente a força de sua ação constituinte do enunciado.

Enfim, dentro do tema, Leitura e Produção de Textos, o que se defende, aqui, é pois um tratamento enunciativo da linguagem, pois não se pensa tal objeto fora da dimensão interativa, interlocutiva, dos usuários, o que obriga o uso da mediação como abordagem que viabiliza o estudo do texto no seu funcionamento discursivo.

### Referências Bibliográficas

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Dialogismo e Divulgação Científica. *Rua*; Campinas; n.5, mar., p.9-15.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. A encenação da comunicação no discurso de Divulgação Científica. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas; as não-coincidências do dizer**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. p.107-131.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa (s). **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas; n. 19, jul./dez., p. 26-41.
- BAKHTIN, Mikhail. A interação verbal. In: \_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**; problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1979. p.130-140.
- BAKHTIN, Mikhail. O autor e o herói. In: \_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p.24-220.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p.277-326.
- CÂMARA JR, J. Mattoso. Sintagma. In: \_\_\_\_\_ **Dicionário de Filologia e Gramática**. Rio de Janeiro: J.Ozon Editor, 1964.p.322-323.
- CAMPOS, Edson Nascimento. A dimensão dialógica da linguagem. **Vertentes**, São João del-Rei, n.30,p.191-201, jul./dez. 2007.
- CAMPOS, Edson Nascimento. A dimensão discursiva do texto de divulgação científica (D.C.). In: MENDES, Eliana Amarante de Mendonça; OLIVEIRA, Paulo Motta; BENN-IBLER, Veronika (Org.). **O novo milênio: interfaces lingüísticas e literárias**. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2001. p.57-68.
- CAMPOS, Edson Nascimento. Leitura e Análise do Discurso: o movimento de produção do sentido do texto. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de. (Org.). **Análise do Discurso em perspectivas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2003. p.231-240.
- CAMPOS, Edson Nascimento. O Diálogo do espelho. **O eixo e a roda**. Belo Horizonte, v.12, p.301-309, jan./jun. 2006.
- CAMPOS, Edson Nascimento. O Recado do Morro e as vozes da enunciação. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lúcia; Renato de MELLO. **Análise do Discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2001. p.347-355.
- CAMPOS, Edson Nascimento. A ação do movimento dialógico de gênero na sintaxe das orações. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia/Instituto de Letras e Lingüística/XI **Simpósio Nacional & I Simpósio Internacional de Letras e Lingüística**, 2006. Disponível em: [http://www.mel.ilee.ufu.br/silel2006/caderno/resumo/Edson\\_Nascimento.htm](http://www.mel.ilee.ufu.br/silel2006/caderno/resumo/Edson_Nascimento.htm). Acesso em: 21 jan. 2007.
- CAMPOS, Edson Nascimento. **Gramática para a reflexão do uso**: o tratamento lingüístico-gramatical-discursivo sob o dialogismo de gênero, na leitura de textos de

- Divulgação Científica – Uma proposta de renovação. Belo Horizonte: FALE/UFMG/ Concurso Público para Professor Adjunto, 2006. (Projeto de Pesquisa: Inédito).
- CAMPOS, Edson Nascimento. Texto e Interação: o estilo – estratégia textual. In: PERES, Ana Maria Clark; PEIXOTO, Sérgio Alves; OLIVEIRA, Silvana Pessôa de (Org.). **O Estilo na Contemporaneidade**. Belo Horizonte; Faculdade de Letras da UFMG, 2005. p.167-180.
- CAMPOS, Edson Nascimento. Linguagem, Dialogia, Gênero e Leitura. In: MARI, Hugo; WALTY, Ivete; VERSIANI, Zélia. (Org.) **Ensaio sobre Leitura**. Belo Horizonte: Ed.PUC Minas, 2005. p.118-137.
- CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- COSTA VAL, Maria da Graça. A gramática do texto, no texto. **Revista de Estudos da Linguagem**. v.10, n. 2. p.107-133. 2002.
- COSTA VAL, Maria da Graça. A interação lingüística como objeto de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. **Educação em Revista**, v.7, n. 16, p.23-30, 1992.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. Escrever e ler: faces da mesma moeda. **Vertentes**. São João del-Rei, n.9, p. 75-83, 1997.
- ECO, Umberto. Entrando no bosque. In: \_\_\_\_\_. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.96-124.
- ECO, Umberto. O Modelo semântico reformulado: noção de enciclopédia semântica. In: \_\_\_\_\_. **Conceito de texto**. São Paulo: T.A. Queiroz / Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo**; as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- FOLHA de São Paulo. Bicho esquisito. Caderno A, FolhaCiência 3 jul. 2003, p.14.
- MACHADO, Irene A. Os Gêneros e o Corpo do Acabamento Estético. In: BRAIT, Beth. (Org.) **Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 141-158.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes/Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

**Aula de Português:  
tal sujeito,  
quais linguagens?**

**UESC  
ILHÉUS  
BAHIA  
BRASIL**

**19 a 21  
MAIO  
2008**

**III Seminário  
de Língua Portuguesa  
e Ensino**

**I Colóquio  
de Lingüística,  
Discurso e  
Identidade**

Anexo

**Aula de Português:**  
tal **sujeito**,  
quais **linguagens?**

**UESC**  
**ILHÉUS**  
**BAHIA**  
**BRASIL**

**19 a 21**  
**MAIO**  
**2008**

**III Seminário**  
de Língua Portuguesa  
e Ensino

**I Colóquio**  
de Lingüística,  
Discurso e  
Identidade

# FOLHA CIÊNCIA

PÁGINA A 14 ★ SÃO PAULO, QUINTA-FEIRA, 3 DE JULHO DE 2003

BICHO ESQUISITO

Alberto César Araujo/Folha Imagem



Imagem mostra nova espécie de peixe da Amazônia, identificada por cientistas do Inpa

## Peixe amazônico intriga zoólogos

*Nova espécie, batizada "mistério", foi achada na região de Manaus*

**KÁTIA BRASIL**

DA AGÊNCIA FOLHA, EM MANAUS

Cientistas do Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) anunciaram anteontem a descoberta de uma nova espécie de peixe de água doce. Batizado provisoriamente de "mistério", o peixe parece uma colagem: a cabeça é semelhante à de uma traíra, o corpo longo parece o de

uma enguia e a cauda achatada é igual à de um pirarucu.

O tamanho máximo da espécie é 15 cm. O peixe foi encontrado em lagos próximos de Manaus. "Mistério" é carnívoro e possui nadadeiras que lhe permitem fazer respiração aérea.

A descoberta dos pesquisadores Paulo Petry, Jansen Zuanon, Lúcia Rapp Py-Daniel e Mário de Pinna é considerada a maior

dos últimos 150 anos no campo da zoologia aquática.

O estudo começou em 1997, quando uma pesquisadora coletou espécimes em amostras de camarões. "Esse material ficou dois anos guardado e, em 1999, o Petry começou a estudar a espécie como fauna acompanhante dos camarões", disse Zuanon. Em 2001 a equipe conseguiu localizá-lo, perto de Manaus.